

HORA E IMAGENS DA MORTE NA PASTORAL MISSIONARIA

OS *BRADOS* DO BISPO DE CABO VERDE,
D. FREI JOSÉ DE SANTA MARIA DE JESUS (1731)

PEDRO VILAS BOAS TAVARES

Universidade do Porto

*Agora é o tempo mais precioso, agora são os dias
da salvação, agora é o tempo propício.*

Imitação de Cristo

1.

Na pastoral cristã desde sempre se inculcou o *memento mori* como incentivo a viver bem, significando esse viver bem, viver de acordo com o fim para que cada homem foi criado: a bem-aventurança eterna. Consequentemente, nos tempos medievais, a morte e os *novíssimos* foram tema omnipresente na literatura ascético-moral, inaugurando-se mesmo, no outono da Idade Média, com as *artes moriendi*, um género de obras, posteriormente desenvolvido, — antes e depois de Trento —, pautado sobretudo pela preocupação com uma salvífica vivência do crítico e decisivo momento da morte individual¹.

Enriquecido já o discurso sobre a morte com novos matizes e acentuada ênfase na correlação *arte de bem morrer / arte de bem viver*, trans-

¹ Cf. MARTÍNEZ GIL, Fernando — *Muerte y sociedad en la España de los Austrias*, Madrid, 1993, pp. 32-65. Sobre o *exercício* gertrudiano de representação da morte e seu posterior influxo peninsular cf. CARVALHO, José Adriano de — *Artes de Morrer na Idade Média e no Barroco: Exercício de União, Exercício de Anulação*, «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», n.º 13/14 – 5ª Série, Dezembro 1990, pp. 157-164.

formado este tipo publicações em instrumento duma pedagogia de massas e duma pastoral de medo, ao serviço da reforma católica, é com naturalidade que, geralmente, à escala europeia, o século XVII nos aparece numa posição cimeira no referente à edição de títulos de obras de «preparação para a morte»². Jean Delumeau mostra que em França mais de 50% das «preparações para a morte» do século XVII e mais de 40% do século XVIII insistem sobre os perigos da morte súbita³, e, também em terrenos ibéricos, alastrou o medo da morte repentina (da qual muitas pessoas se procuravam livrar com a ajuda de *nóminas* penduradas ao pescoço), correspondente a um estereótipo da boa morte como morte pacífica e programada, permitindo ao moribundo gerir até ao fim o cerimonial dos seus últimos momentos⁴.

Propomo-nos apresentar aqui uma interessante e significativa obra da primeira metade do século XVIII, com muitos aspectos tradicionais, mas apostada precisamente em relativizar funestos lugares comuns resultantes dessa excessiva concentração das atenções nos perigos da morte súbita. Supondo que alguém escolhia condições habitualmente consideradas ótimas para um trespasse feliz, — morrer na sua cama de uma doença, sem a perturbação de dores excessivas, mantendo-se consciente, com um confessor à cabeceira, munido de um santo Cristo, com tempo para se confessar e ser sacramentado —, o seu autor vai justamente encarecer os «perigos da morte escolhida da parte do enfermo».

Referimo-nos aos *Brados do pastor às suas ovelhas*, de D. Frei José de Santa Marta de Jesus, Bispo de Cabo Verde, obra publicada em Lisboa em 1731, cuja procura e boa aceitação levou a uma segunda edição em 1735⁵.

A personalidade deste autor reflecte-se bem na obra. Jovem, quis passar dos estudos da jurisprudência, em Coimbra, à vida religiosa; recebeu o habito franciscano no Convento de Xabregas, em 1694, e decorridos dez anos, passou da sua província do Algarve ao Seminário do Varatojo, com desejos de se fazer um dos seus «missionários apostó-

² Cf. DELUMEAU, Jean — *Le péché et la peur*, Paris, 1984, pp. 389-390.

³ *Ibid.*, p. 410.

⁴ Cf. MILHOU-ROUDIE, Anne — *Un tránsito espantoso: la peur de l'agonie dans les préparations a la mort et sermons espagnols des XVI^e et XVII^e siècles*, in *La peur de la mort en Espagne ou siècle d'or*. Estudos reunidos e apresentados por Augustin Redondo, Paris, 1993, pp. 15-16.

⁵ As duas impressões foram de Manuel Fernandes da Costa, impressor do Santo Ofício. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, t., II, 873-874. A informação do Abade de Sever e de Frei Jerónimo de Belém de que a quase totalidade da primeira impressão se consumiu em Cabo Verde é confirmada pelo próprio autor no *Prólogo exortatório* da 2.^a edição. Reportar-nos-emos sempre ao texto desta edição.

licos»⁶. Com efeito, esta obra, onde ainda há reflexos da sua formação jurídica juvenil, corresponde, acima de tudo a essa dimensão da sua vida: a de missionário varatojano.

Deixou auréola de religioso santo, cumpridor, propendendo «para escrupuloso, por cuja causa era miúdo nos seus proceder»⁷. No Varatojo participou em numerosas missões, em Lisboa, em Coimbra, nos bispados do Algarve, Portalegre, e no Arcebispado de Braga; em 1717 foi canonicamente eleito seu guardião, e aqui conviveu então com Frei Gaspar da Encarnação e outros vultos do movimento reformador da *jacobeia*⁸ com quem terá sintonizado.

Em 1720 foi escolhido para Bispo de Cabo Verde por D. João V. Vencidas as suas relutâncias e sagrado Bispo, chegou à ilha de Santiago a 25 de Novembro de 1721, e aqui, na expressão de Frei Manuel de Maria Santíssima, transformou o seu paço «em seminário de virtudes», vivendo como no Varatojo. Era bispo e missionário «sem deixar de ser religioso observante e mortificado»: visitava as ilhas do seu bispado levando consigo «confessores zelosos», pregava regularmente na catedral, ouvia de confissão, e ensinava até os «meninos da doutrina»⁹. Na esteira das memoráveis viagens do seu antecessor D. Frei Victoriano do Porto¹⁰, em 1732 passou à Guiné, naquela que seria a sua última viagem apostólica antes do regresso definitivo a Portugal, onde chegou em 1735, já com a saúde arruinada¹¹.

⁶ Nasceu em Évora, de pais «de mediana nobreza», a 8 de Novembro de 1670. Cf. BELÉM, Frei Jerónimo — *Crónica Seráfica da Sama Província dos Algarves*, t. II, Lisboa, 1753, pp. 362-364. MARIA SANTÍSSIMA, Frei Manuel de — *História da fundação do Real Convénio e Seminário de Varatojo*, Porto 1799, t. II, pp. 71-73, assevera que, «graduado» em direito na Universidade de Coimbra, pretendeu o hábito no Varatojo, onde não foi aceite «por não haver lugar» (sabemos que a comunidade não poderia ultrapassar 30 membros), e sendo admitido na província do Algarve, tomou o hábito em Xabregas em 14 de Agosto de 1694. Noviço, corista, sacerdote, pregador, saiu já da província «bem exercitado nos costumes santos da Religião», sendo incorporado no Varatojo a 22 de Maio de 1704.

⁷ BELÉM, Jerónimo de, *ibid.*, p. 371.

⁸ Um desses vultos. Frei Manuel de Deus, professou nas mãos do nosso Frei José de Santa Maria de Jesus, então Guardião, sendo mestre deste noviço Frei Gaspar da Encarnação, que pode, em sentido lato, ser considerado justamente cabeça da *jacobeia*. Sobre a *jacobeia* e o Varatojo cf. SILVA, António Pereira da (O.F.M.) — *A questão do sigilismo em Portugal no século XVIII*, Braga, 1964, pp. 95-105.

⁹ MARIA SANTÍSSIMA, Manuel de — *op. cit.*, *ibid.*, pp. 75-78.

¹⁰ Cf. MOTA, Avelino Teixeira da — *As viagens do Bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné e a cristianização dos reis de Bissau*, Lisboa, 1974.

¹¹ Cf. MARIA SANTÍSSIMA, Manuel de — *op. cit.*, *ibid.*, pp. 78-82. Embarcou para a Guiné, «para visitar e consolar as suas ovelhas allí dispersas», a 19 de Março de 1732. Depois de uma acidentada viagem, demorou-se na Guiné. Quando tentava regressar a Santiago, já sem vista e com precária saúde, um novo acidente de navegação levou-o à Baía. A 21 de Novembro de 1734 partiu da Baía, e desembarcou na barra de Lisboa no princípio de Março de 1735. Foi recebido por D. João V e recolheu-se a Xabregas, onde faleceu em 7 de Junho de 1736.

Os *Brados do pastor* foram um livro confessadamente concebido para instrução das suas ovelhas de Cabo Verde, embora a sua reedição, emendada e acrescentada aquando do seu regresso — «bem por acaso» — a Portugal em 1735, visasse o aproveitamento dum público mais vasto¹². Dividia-se esta «obra espiritual», destinada a suprir falta de livros e lacunas de estudo¹³, em duas partes: um conjunto de quarenta *práticas*, breves e claras, para utilização dos párocos do Bispado de Cabo Verde, nos domingos e dias santos em que não houvesse sermão, bem como para uso dos pais de família na instrução dos seus filhos, e *hum Espelho de Dezengano para peccadores confiados*. Esta ordenação inicial foi invertida na segunda edição, e a nossa atenção incidirá especialmente sobre aquela que passou a ser agora a primeira parte da obra: o *Espelho de dezengano para peccadores confiados*. Dirige-se ela a todo o tipo de leitores, pondo-os em guarda contra a perigosa tentação de deixarem para a hora da morte o arrependimento das próprias culpas.

Atendendo a que «os objectos que se percebem com as vistas, são mais effícaces do que as vozes das doutrinas», o autor tomou «por empresa» uma gravura, — tétrica e movimentada* —, que o texto posteriormente explica, vendo-se na qual, «como em espelho», cada leitor, «considerando-se no estado que o espelho lhe representa», pudesse ponderar devidamente «quão louco he[ra]» e que perigos corria, se porventura protelava o arrependimento para a última enfermidade e para o leito de morte. O texto vai apoiar-se nesta gravura, assinada por B. Miguel Le Bouteux. Todavia, sempre procurando ir mais longe, D. Frei José de Santa Maria de Jesus incitará os leitores com possibilidades a que a multipliquem, mandando-a copiar por pintores, porque à sua vista, todos poderiam despertar do seu descuido: aos que tivessem tido «notícia» da obra, a estampa lembrar-lhes-ia «a sua matéria», àqueles que não tivessem tido essa «notícia», as «trovasinhas» nela inclusas dar-lhes-iam «bastantemente» a conhecer a sua substância¹⁴. Com efeito, apresentava-se a estampa — *Espelho em que cada hum se deve ver e considerar* — como «mudo pregador», convidando os destinatários a mudarem de critérios. Um deles seria justamente uma nova relação com o tempo, de acordo com as exigências derivadas da consideração dos novíssimos¹⁵.

¹² Cf. *Prólogo exortatório da 2.ª impressão*.

¹³ Cf. *Appendix segundo*, p. 125; *Praticas doutrinaes, Ao leitor* [p. 147].

* Reproduzida em anexo.

¹⁴ Cap. XII, pp. 120-121. Aos leitores pede também que tomem de memória as *trovasinhas*, para breve recordação das verdades assimiladas. Em redondilha maior, as duas décimas (*abbaaccddc*) e as duas quadras são, efectivamente, de fácil memorização.

¹⁵ Como se insinua na décima do lado direito da gravura: *Quem com os olhos ouvir/ Este mudo Pregador/ Achara o grão primor/ Com que o pertende arguir./ Se pois interna fugir/ Os perigos, que em o escuro/ Destas sombras lhe figuro: / Deve gramático a gente/ Por pretérito o presente, / E ja em presente o futuro.*

Deve dizer-se que é mais lógica e consequente a disposição das matérias na segunda edição, já que a gravura, inserida no início, junto às *licenças*, marca toda a obra, e toda esta, afinal, gira em torno dos novíssimos. Por isso, nesta segunda edição, no texto do *Espelho*, o autor remete mesmo o leitor que queira «mais razões» para o «*Tratado das Práticas*»¹⁵. Entre a matéria do *Espelho* e a das *Práticas*, D. Frei José de Santa Maria entendeu colocar dois apêndices, o primeiro, constituindo uma instrução para incitar e facilitar o uso da oração mental, o segundo, «para os simples sacerdotes», sobre o modo de actuação destes, quando chamados a atender moribundos, de modo a «evitar as mortes más dos pecadores»¹⁷.

Do encadeamento das matérias e recorrência de temas, do tom vivo, directo e interpelativo do autor, dos casos «horrendos» recontados (próprios de "missão"), da preocupação de envolver — e impressionar —, simultaneamente, inteligência, imaginação e sentidos, do sentido prático, de eficácia e de urgência do autor, da ênfase posta na necessidade e facilidade da oração mental para todo e qualquer fiel adulto¹⁸, do tipo de devoções inculcadas, da representação marcial e combativa da vida cristã, de todo o tom geral da obra, resulta evidente o espírito varatojano com que o prelado a compôs, resultante afinal da marca impressa pela pessoa e acção do fundador¹⁹.

¹⁶ Cap. XII, pp. 117-118. No conjunto das 40 práticas, para além das referências permanentes, resultantes da ligação dos diferentes mistérios da fé à soteriologia, e de todo um clima geral de alerta e alarme perante as realidades últimas, tratam exclusiva e expressamente dos novíssimos as praticas 12 e 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 27, 28, e 29.

¹⁷ Cf. *Appendix segundo*, pp. 125-136.

¹⁸ «Deixadas outras diffinições commuas dos Mysticos, a que me parece mais clara, e perceptível para toda a casta de gente, he a seguinte. Oração mental, ou meditação, consiste em considerar alguma cousa, que mova o coração a alguns affectos bons. Do que se conhece facilmente o quão necessaria seja em os adultos, para a salvação de suas almas. Porque sendo certa a guerra, que os inimigos da nossa alma nos fazem tanto que entramos em o uso da razão, não podemos alcançar vitoria, sem o socorro deste espiritual exercicio» — *Appendix primeyro*, p. 121 (itálico nosso).

¹⁹ Como vemos dos relatos do Padre GODINHO, Manuel — *Vida do Venerável Padre Fr. António das Chagas*, Lisboa, 1728, v.g. pp. 91-92, nas missões, o Padre Chagas pregava «cousas comuas», começando pelo fim para que fomos criados, para persuadir logo a penitência, confissão, satisfação, e a consideração dos novíssimos; é bem conhecido o tom patético e teatral dos seus sermões, provocando a comoção dos auditórios; outrossim ensinava a doutrina cristã, «nos povos pequenos principalmente», inculcava a oração mental, a frequência dos sacramentos, a observância da lei de Deus, penitências, devoção a Nossa Senhora e Chagas de Cristo. Com algumas particularidades e diferenças de pormenor, — o nosso autor, por exemplo, inculca uma devoção a *doze anjos*, «celestiais paraninfos» encarregados de solicitar a permanência dos fiéis na vida da graça, e uma devoção a Nossa Senhora «fundada em as noticias que dá a Madre Soror Maria de Jesus [de Agreda] em a sua Mystica Cidade de Deos» —, também neste livro, reflexo duma acção missionária concreta, o esquema de doutrinação segue, naturalmente, a pauta do fundador.

2.

O *Espelho* vai apresentar a hora da morte como uma hora de fraqueza que o inimigo do género humano aproveita «para fazer mais a seu salvo a bataria, abrir brecha, conquistar a praça da alma, e gloriar-se (do modo que pode) com a vitória»²⁰. Daí a comparação da situação do moribundo à de uma parede inclinada, ameaçando ruína e prestes a cair²¹. Pelo que se impõe uma advertência terminante de D. Frei José de Santa Maria de Jesus: aquele que vivendo agora relaxadamente, espera de Cristo uma inspiração final com que Ele converta «a pedra do seu coração em pão» é semelhante ao tentador no deserto²². E ainda referindo-se a esse decisivo momento: «Não guardeis para o *xaque mate* a vossa defesa, porque então não a há»²³.

A estampa ilustra precisamente os perigos duma morte frequentemente escolhida, cujos inconvenientes o prelado conhecia «de vista» e duma larga experiência²⁴, e para os quais entendia ser urgente alertar os fiéis, desfazendo ilusões e miragens com o tempo acumuladas. Por isso rezam as quadras:

*Quem soubesse quanto horrenda
He a morte que apetece;
Nunca guardara para esse
Transe, da vida a emmenda.*

*Quando o Diabo esta vendo,
Que o tempo vai acabando;
Todo o furor empenhando,
Quanto pode esta fazendo.*

Suposta a moldura tradicional dentro da qual se processava habitualmente a arte de ajudar a bem morrer, tratava-se de enfatizar as especiais dificuldades, insuficiências e desajustamentos desse quadro, se o enfermo deliberadamente protraia a reconciliação com Deus para o último momento.

Não há absolutamente nenhuma novidade em apelar-se para as dificuldades da hora decisiva do passamento; o receio dessa hora foi de sempre. Mas pode assumir algum significado que, contrariando certas tendências da sociologia religiosa anterior e coeva²⁵, o nosso Bispo insista na

²⁰ Cap. II, p. 6.

²¹ Cap. II, pp. 10-11.

²² Cap. III, p. 16.

²³ Cap. VI, p. 42.

²⁴ Cf. Cap. VII, p. 45.

²⁵ Cf. MARTÍNEZ GIL, Fernando — *Muerte y sociedad en la España de los Austrias*, pp. 361-362.

insuficiência dos meios — mesmo se escolhidos! — e do protagonismo do religioso encarregado de assistir o enfermo, para colocar toda a tónica na limpidez e radicalidade das disposições interiores e anteriores do agonizante ²⁶. Com identidade de propósitos, em tratado um pouco anterior no tempo, o ex-jesuíta Padre Nicolau Fernandes Colares, socorrendo-se de imagens da história náutica portuguesa, resumia num título toda esta doutrina: *Descrição do tormentoso cabo da enganosa esperança à hora da morte, exposta em huma nova carta de marear, que ensina como se pôde atravessar com menos risco aquelle tempestuoso Promontório, por meyo da Penitencia e reforma da vida* ²⁷. A esperança, em vez de «progenitora de acções meritórias», torna-se «cooperadora da perdição» ou causa do seu «naufrágio», se o pecador guarda para a morte o seu arrependimento ²⁸. E todavia, importa conciliar esta doutrina com a da não desesperação da salvação até ao último momento. Conciliação católica que, evidentemente, mantém a todo o transe o Bispo de Cabo Verde no *Espelho* ²⁹, e se mantém na *Descrição*. O padre Colares evoca mesmo a excepcional idade do exemplo — obrigatório — do bom ladrão, explicando que a Igreja não lhe dedicara igrejas nem altares precisamente para daqui se não seguir imitação duma dilação no arrependimento ³⁰. No caso de um e outro autor estamos perante uma tentativa pastoral de correcção do que de contraproducente ou abusivo havia numa praxe concreta, bastante frequente entre os fiéis: deixar para o fim da vida as últimas e decisivas disposições, arrependimento, restituições, testamento, embora investindo muito nas condições formais de acompanhamento religioso do passamento. Uma atitude que, sendo deliberada, punha em causa a genuinidade da conversão, por supor a

²⁶ «eu vos quero conceder que tenhais essa fortuna tão rara de terdes à cabeceyra hum confessor tão abrazado em caridade, que suas palavras sejam faíscas de fogo; bastarvos-ha isso para que pegue em vosso coração esse fogo? (...) vivendo sempre com o coração ensopado nas aguas das cisternas rotas de que falia Jeremias, que são os bens do Mundo; ainda que as palavras do Confessor sejam faíscas, e mui abrazadas, não prenderão em vosso coração pelas disposições tão contrarias» — Cap. 111, p. 14.

²⁷ 1.^a edição, t. I, Lisboa, 1718.

²⁸ T. I, ed. de Lisboa, 1743, p. 15.

²⁹ «Bem he verdade que, não obstante toda esta dissipação e desperdiço, Deos pode dar então taes auxilios que o mais perdido peccador então se arrependa e salve; porém adverti a reflexão que faz Santo Agostinho na fortuna do bom ladrão em ser hum, e ser só, *unus et solus*, dizendo que foy hum, para que ninguém desconfie de se salvar, ainda que guarde para a hora da morte o seu arrependimento: mas que foy sò, para que, vendo nós como he raro esse bom successo, nenhum presuma que também o terá, *unus, ut unus dificiat; solus, ut nullus confidat*. Como nas cousas forenses o dieta a regra ou axioma de Direito: *Quod alicui gratis conceditur, non debet trahi ab aliis in exemplum*; o que a algum se concede de graça, não pode servir de exemplo para os outros quererem o mesmo» — Cap. III, pp. 11-12.

³⁰ Ed. cit., pp. 163-168.

existência de cálculo. De resto, este excesso de calcular e jogar com a misericórdia divina, como tentação permanente, sempre suscitara os cuidados dos tratadistas; basta lembrar as palavras de um Frei Luís de Granada no *Guia de pecadores*³¹, ou até as linhas cáusticas do *sonho do Inferno* de Francisco Quevedo³².

O Bispo de Cabo Verde é sempre coerente com uma única e permanente atitude própria de «missionário apostólico»: visar e garantir uma conversão imediata nos indivíduos que constituem o seu público; fazê-la convergir e selá-la com a administração do sacramento da penitência:

De tudo o que tendes visto no Espelho, e do que vos tenho dito na explicação delle, podeis bem inferir quão perigosa he a morte escolhida; e se esta, escolhida por melhor, ou menos má, he tão perigosa, que serão as outras regeytadas por peyores? Do que, bem ponderado, podeis tirar por conclusão que, se não traiais logo da emenda de vossa vida, vos pondes em manifesto perigo de vos perderdes; porque não ha para onde appellar que não seja mais perigoso do que a taboa no naufrágio, que, ainda que seja remédio para o naufragante, he mau remédio, e tão perigoso, que por nenhum caso vos querereis expor a essas esperanças, tendo por certo o naufrágio da embarcação, nem por todo o interesse, nem por todo o gosto, nem por cousa alguma deste Mundo. Pois, se o naufrágio em que haveis de dar à costa (como vós vedes no Espelho) he certo e infallível, dizei-me e ponderai bem que loucura será a vossa, se guardardes para

³¹ «Si por otra parte dices que es grande la misericordia de Dios, y esa le calienta de tal manera, que perseverando en tu mala vida, tengas por segura tu salvación, dime: que mayor ofensa puedes hacer a esa misericordia, que tomar de ella ocasión para más ofenderla? Quién le enseño a hacer esa consecuencia, que porque Dios es bueno, tengas tú licencia para ser más malo y salir con ello? A lo menos el Espirito Sancto no enseña arguir desa manera (...) No es esa esperanza, sino presunción, porque esperanza es creer que arrependiendote, y apartándote del pecado, te perdonará Dios por malo que hayas sido; mas presunción es creer que, perseverando siempre en la mala vida, todavía tienes tu salvación segura» — Cap. VIII, Madrid, 1966, pp. 82-87.

³² «— Y vos — dijo el maldito — [habláis] como ignorante, pues no sabéis que la mitad de los que están aquí se condenan por la misericordia de Dios. Y si no, mirad cuántos son los que, cuando hacen algo mal hecho y se lo reprenden, pasan adelante y dicen: «Dios es piadoso y no mira en niñerías; para eso es la misericordia de Dios tanta.» Y con esto, mientras ellos haciendo mal esperan en Dios, nosotros los esperamos acá. (...) Que de la piedad de Dios se ha de fiar, porque ayuda a buenos deseos y premia buenas obras; pero no todas veces con consentimiento de obstinaciones. Que se burlan así las almas que consideran la misericordia de Dios encubridora de maldades y la aguardan como ellas la han menester y no como ella es, purísima y infinita en los santos y capaces delia, pues los mismos que mas en ella están confiados son los que menos la dan para su remedio. No merece la piedad de Dios quien, sabiendo que es tanta, la convierte en licencia y no en provecho espiritual. (...)» — *Los sueños, Las zahurdas de Pluton*, Lisboa, s/d., p. 90.

então o lançar mão da taboa que nos resta, depois de escaparmos do primeyro naufrágio da culpa original na primeyra taboa do Baptismo, isto fie a taboa da confissão? ³³

Ora, passando a conversão pela confissão gerai de toda a vida passada, e sendo já de si, dentro da exigência rigorosa de que a confissão seja inteira, difícil a evocação particular de todos os actos e circunstâncias concretas mais distantes no tempo, sobretudo se recuando até à «meninice», torna-se fácil ao Bispo de Cabo Verde encarecer o acréscimo de escolhos por parte de quem deixa para a hora da morte a confissão ³⁴. Acrescenta o autor um outro impressionante argumento: tendo «vendido» a sua alma ao diabo pelo pecado, com a passagem do tempo, o pecador tem mais dificuldade em voltar a conseguir a sua liberdade, uma vez que, como qualquer senhorio apelando para uma prescrição ou usucapião, o diabo defende tanto mais assanhadamente a sua propriedade quanto mais tempo tenha decorrido ³⁵. De resto, este varatojano não se cansará de vincar não serem a glória eterna nem a santidade alcançáveis pela lei do menor esforço, antes supondo árduo esforço de abertura e cooperação do homem com os influxos da graça divina ³⁶.

³³ Cap. XII, pp. 116-117.

³⁴ «E assim, crescendo a dificuldade cada vez mais, na hora da morte a sentem mayor, com que não se resolvendo a cortar por tudo, nem então se confissão inteiramente; com o que se condenão certamente ao Inferno (...)» — Cap. IV, p. 25.

³⁵ «Do desgraçado successo deste infame escravo do demónio, ainda que grande por valido daquelle Rey [um assustador exemplo tirado de Beda], vereis vós quanto direyto dà ao diabo o titulo da posse continuada de muyto tempo, que he tanto, que parece não basta a jurisdicção ordinária de Christo Senhor nosso para o desapossar, mas que he necessária a extraordinária. (...) / Vede agora, ò endemoninhados ab infantia, vede os que desde a vossa mocidade destes posse ao demónio da vossa alma, *Accepto tamquam pretio dulcedine temporalis voluptatts*, recebendo por preço a doçura do gosto temporal, que pela mayor parte esta he a moeda corrente com que o diabo compra tantos moleques, tomando posse delles, ainda na mais tenra idade, incitando-os a acções torpes, a vistas licenciosas, a palavras lascivas, a brincos deshonestos, para que creando logo em pequenos a negra pele de tantos vicios, não a possuão ao depois mudar como os Ethiopes. Vede, tomo a dizer, que extraordinário poder de Deos será necessário para despossar ao demónio de posse tão continuada, e mais sendo sem contradicção alguã vossa, antes sim accrescentando-lhe cada vez mais os titulos da posse, nos peccados que cada vez mais ides commettendo» — Cap. IV, p. 25. Releve-se, de passagem, o "entorse" doutrinário, — retórico —, consistindo em identificar estado de pecado / possessão diabólica.

³⁶ Fá-lo, por vezes, com toda a expressividade do orador sacro experimentado que era: «Se a pedra do deserto não lançou agua senão com repetidos golpes de vara, talvez porque, sendo antes pedra, *Loquimini ad petram*, passou ao ser de pedemeyra, *Percutiens virga bis silicem*, como tu, passando de pedra dura a pederneyra mais endurecida, *Et indurotum nimis*, presume então ter olhos de agua para derramares por tuas culpas sem muy repetidos toques? He verdade que os dous golpes que deu Moyses com a vara, significavão a Cruz, que vês junto a ti [no leito de morte], *Gemina percussio duo Crucis ligna significat*, mas quem te

O *Espelho do Dezenano* tratado, e o *Espelho* estampa, completando-se, visam um único objectivo: impressionar eficazmente para o bem das almas. A exploração barroca e missionária do medo está patente no que se lê, no que se sugere e no que se vê. De resto a movimentada visão diabólica da estampa está em perfeita harmonia com a escolha de «horrendos» e «desastrosos» casos sub ministrados no texto, impressionantes exemplos retirados do *vade mecum* missionário ³⁷, que não ficariam menos gravados nas mentes do seu público.

Aspectos tradicionais de representação, patentes nas *artes de bem morrer*, continuam, naturalmente, presentes ³⁸: nomeadamente na imagem do quarto e do leito do agonizante como cenário de peleja, e no tipo de tentações diabólicas representadas. Também não fica esquecida a velha imagem tópica da morte como grande niveladora, patente nas insígnias sobrepostas à credencia que ladeia o leito do enfermo e no dístico latino que as acompanha ³⁹.

3.

No leito de morte, o moribundo (na gravura com o n.º 1) é assediado pelos demónios — «a fileira dos soldados infernaes, com armas nas mãos se tem fortificado na ala direita» ⁴⁰—, tendo em seu apoio um religioso--sacerdote (n.º 2) e o anjo da guarda (n.º 8), dispostos a auxiliarem-no a

segura de que o sacerdote que te assistir com ella nas mãos, terá a virtude e o espirito de hum Moysés, para ferir a pederneyra de teu coração com os dous golpes da vara Cruz, e da Vera Cruz, mais necessários naquela hora? Que são os frutos da Arvore da cruz para a confiança na Divina misericórdia, e o amor de Jesu Christo, que morreu nella, para a contrição. Se em hum forno de cal, são necessárias muitas horas, para que as pedras percão a sua dureza, á violência de tanto e tão continuado fogo; se o alvanel não lavra a pedra, senão à custa de muitos e continuados golpes; se o ourives, para pulir o diamante, necessita de lhe dar muitas voltas no esmeril, e, ultimamente, se nem ainda no pao mais brando pode o imaginário formar hum santo sem muitos cortes e labores; como presume que a pedra do teu coração se cosa e abrande com numa faísca, se lavre com hum golpe, se pula com huma volta no esmeril, e que do tronco seco e duro do mesmo coração se forme hum Santo para o Templo da Gloria, com hum corte ou com hum só lavor, ainda que o Mestre seja tão insigne como soberano?» — Cap. III, p. 17.

³⁷ Retirados, sem explicitação, nomeadamente de Beda, Diogo de Ibarra, Afonso de Andrade, S.J. (do seu *Itinerário historial*, publicado em 1687 em Lisboa?), e Lucas Pinelo, S.J.

³⁸ Cf. MARTINEZ GIL, Fernando — *ibid.*, pp. 362-382.

³⁹ *Nec his juleiti insigniis, sic viventes immunes*; ou seja, *nem os que vivem assim amparados por estas insígnias estão imunes* [da morte, da tentação].

⁴⁰ Cap. V, p. 27. «Essa canalha», explica o Bispo de Cabo Verde (Cap. XI, p. 112), são «sete demónios» convocados pelo «immundo espirito»; mas, nessa luta final, face à resistência do moribundo, qualquer dos principais pode pedir «socorro ao Príncipe das trevas» que lhe envia «multidão de soldados».

«pelejar». A primeira décima insiste no temeroso aperto desta hora, enfatizando a insensatez e fragilidade do moribundo:

*Neste espelho em que estais vendo
Retratada a melhor morte;
Ponderai qual he a sorte,
Dos que assim estão morrendo.
Se como Leão horrendo,
Girando o Diabo agora
Vos tenta, vence, e devora;
Que fora mais violento,
Achando vos sem alento
Em tão apertada hora?*

Nessa hora, ao moribundo aflito representa-se-lhe o Inferno com as suas fauces abertas para o receber (n.º 9 da gravura), para cujo fogo os estão impelindo os demónios «que assistem à roda da cama, no numero dez», tentando antecipar-lhe a perdição, através de sentimentos de desesperação «do seu remédio»⁴¹.

Antes de deixarmos que o próprio autor apresente individualmente as cinco principais figuras diabólicas, «com as suas insígnias de tentações», será de realçar a estratégia adoptada no texto: numa interpelação directa, cada diabo vai lembrar ao moribundo pecados passados, no sentido de o acabrunhar ou desmoralizar, e cuidados actuais, impeditivos ou dispersivos da sua concentração plena nas disposições interiores, necessárias à salvação. Apostou-se na vivacidade, num realismo chão e popular:

«No numero terceiro veras à tua cabeceira [de cada um que observa] hum diabo com huma bolsa cheia de dinheyro na mão, e cerrada, para com as balas douradas delia te fazer a mais cruel guerra, e já começa a bataria: *Olha, miserável, dis o diabo, olha para esta bolsa, na qual verás o teu dinheyro e as mais riquezas em que atègora abundaste, tendo sempre o coração tão arrimado a ellas, que nunca delias o apartaste, (...) porquanto, não te servindo ellas a ti, tu nunca deyxaste de as servir a ellas, de dia e de noyte; antes como jumento de atafona, andaste sempre em huma roda viva trabalhando para deixares agora o pò da farinha aos outros, aproveytando-te somente de algum farello, mas também por isso terás de jumento a sepultura(...)* Dizendo-te Deos que não furtasses o alheyo, nem dilatasses o jornal a quem te servisse, nem cometesses onzenas, nem fizeses outros contratos illicitos (...) te fizeste surdo. (...) Para agora, ò desgraçado, para agora guardaste o teu arrependimento?»⁴².

⁴¹ Cap. XI, pp. 111-112.

⁴² Cap. V, pp. 27-29

A "familiaridade" do diabo, correspondente afinal à familiaridade de certas tentações no seio do seu público, é acentuada pelas alcunhas populares que ele recebe; assim, este é o *Cerra bolsas*, que acumula com o ofício de um outro companheiro, o *Cerra corações*. Este diabo, *Cerra bolsas*, representa a tentação dos aventos e daqueles que «estimarão demasiadamente os bens temporaes, e estivarão tão apegados a elles que, atropelando as leys da justiça, ou caridade, se encarregarão por muitos modos com o alheyo, ou não repartirão com os necessitados do que Deos lhes deu para esse fim»⁴³.

No leito de morte, este diabo não só tenta desmoralizar o moribundo, como tenta tirar-lhe a última e dificultosa oportunidade que lhe resta de conseguir a salvação eterna; para esse efeito, instila-lhe pensamentos sobre quem irá aproveitar-se dos bens que deixa, sobre as dívidas que lhe não pagaram, sobre frotas que esperava, demandas que trazia, contas e outros embarços, em ordem a tirar-lhe o sentido da única realidade na qual deveria concentrar-se. O diabo *Cerra bolsas*, diz o autor, «ajudado do génio e inclinação do moribundo, não lhe dá lugar a que cuide em que, importando a salvação mais do que tudo, só nella se deve cuidar, principalmente naquella hora, na qual (ainda que tarde) o pode conseguir, por quanto com fazer testamento, com declarar as dívidas que não puder satisfazer, porque podendo, deve ser logo a satisfação, com ordenar as satisfações delias, e para as que não souber a quem se devem, mandar tomar Bullas de cõposição, e dizer Missas, com ordenar suffragios para sua alma, com deixar esmolmas, que logo se dem aos pobres, dando já então em sua vontade por perdido tudo o que por força ha logo de perder, pode cuydar só no que ainda pode ganhar, fazendo huma confissão bem feita, porque quem salvou ao bom Ladrão na hora da morte, também o quer salvar»⁴⁴. Não se veja aqui qualquer contradição com a filosofia da obra: só ao diabo competia desesperar as almas da salvação. Ao autor competia apenas, — insistimos — encarecer a extrema dificuldade desta hora e a urgência de evitar os seus enormes riscos, com uma radical e imediata conversão. A este propósito, D. Frei José de Santa Maria de Santa Maria de Jesus lembra três exemplos, — o estudante que não vai a exame sem ter primeiro estudado, o marinheiro que não guarda a primeira lição ao leme de um navio para o dia da tempestade, o soldado que treina as suas armas antes da batalha —, concluindo com S. Paulo: *Dum tempus habemus operemur bonum*, e ao gosto da época: «como aquele em que então vos haveis de ver não he tempo,

⁴³ Cap. V, p. 30.

⁴⁴ Cap. V, p. 32.

senão ponto de tempo, e ponto de que depende todo o tempo, que he a eternidade, não guardeis para num só ponto o que depende de muito tempo»⁴⁵.

No n.º 4, o segundo diabo, conduzindo a «manceba», em pensamento ou «na realidade» junto do leito do moribundo, representa, evidentemente a tentação dos «luxuriosos». No entanto, aqui, neste capítulo, encontram-se interessantes páginas de "psicologia dos amantes", próprias de quem conhecia os conflitos do coração humano, particularmente no terreno concreto do ambiente cabo-verdiano. A recordação do passado comum, o affecto, a memória da dedicação e «finezas» da manceba, os cuidados com o futuro dela («exposta ao perigo de ser de quem a quizer») e com a criação dos filhos que o moribundo lhe deixa, são aqui representados como um obstáculo quase inultrapassável, à hora da morte. A proposta do autor, nesta cena, — «vós, [o moribundo] picado de tão agudas lanças, não podendo já com as palavras significarlhe o vosso amor, com a acção do braço, meyo morto lançado fora da cama, e pegando-lhe nos vestidos, mostrareis o affecto de vosso coração no apego delia, em que estais, o qual protestais mostrar, se escapardes» — visa, mais uma vez, mostrar a extrema dificuldade de alcançar uma disposição interior, favorável à salvação eterna, por quem protraia para a hora da morte o seu arrependimento. Separar-se da «manceba» apenas à hora da morte, pode até significar um acto «a mais não poder», não genuinamente voluntário, como faz o mercador na tempestade, constringido a lançar a sua fazenda ao mar, porque «querer sem execução em quem pode, he não querer» — explica D. Frei José de Santa Maria de Jesus —, mas mesmo nessa ocasião, é muito difícil tal objectivo: «se muita parte de vossa vida vivestes tão aferrados à manceba, que ainda querendo-vos alguma vez apartar, ou por verdes em outros semelhantes algum castigo manifesto de Deos, ou por não vos privarem da absolvição os Confessores (como devem), em quanto vos não apartardes da occasião, ou por outros respeytos que a isso muitas vezes vos persuadião, não pudesdes, como vos haveis de apartar então?»⁴⁶.

No número 5.º vemos um diabo com umas chorosas crianças nas mãos: representa a consternação e aflicção do moribundo pela separação da família, e pelos sucessos que, a partir da sua morte, a ameaçam. O demónio quer distrair o moribundo do que lhe é essencial, a sua salvação eterna, e por isso lembra-lhe as meiguices dos filhos, suas graças, cantigas e jogos, e o desamparo que os pode esperar, uma vez exausto na mão de tutores o património, e recasada a sua mãe. Numa perspectiva tradicional, também

⁴⁵ Cap. V, p. 33

⁴⁶ Cap. VI, pp. 36-37.

no *Espelho de dezengano* se entendia que os filhos podiam ser uma dificuldade grande nesta hora apenas pela própria presença junto do moribundo, simplesmente porque o estorvavam de atender aos actos de fé e aos afectos espirituais, tão importantes neste momento.

Ao moribundo faz este diabo interessantes digressões sobre a educação dos filhos e o casamento das filhas, mas "moralizando" para o desmoralizar, desesperar e distrair. Outra tentação do demónio, em nome da não diminuição do estado e fazenda dos filhos, é instar com o moribundo a que não faça as restituições que deve, nem disponha para a sua alma de missas, ofícios e esmolas, pelas mesmas razões ⁴⁷.

Vemos claramente as concepções rigoristas e puritanas do missionário varatojano na denúncia que faz da compaixão das mães em relação às naturais fraquezas dos filhos, estorvando os maridos de os castigarem, bem como na forma como ele se queixa dos efeitos, por si tidos por perniciosos na educação dos filhos, da generalizada convivência inter-racial das crianças de Cabo Verde ⁴⁸, assim nos lembrando preconceito futuro, corrente em certos meios da Ilustração, segundo o qual os pais deveriam evitar que os seus filhos brincassem livremente com escravozinhos e moleques ⁴⁹. No entanto, pisava terreno habitual, quando aos pais recomendava: «se tendes filhos, não lhes tenhais demasiado amor; he verdade que Deos quer que ameis a vossos filhos, porem não ha de ser com amor demasiado»; ou: «ordenay pois o amor paternal antepondo-vos a todos os vossos filhos na matéria da salvação, que he cousa ridícula que hajão Pays tão insensatos, que para seus filhos ficarem ricos, fartos, luzidos, estimados e regalados, queyrão ir padecer eternamente pobreza summa, fome canina, trevas horrendas, desprezos infames e excessivos tormentos» ⁵⁰.

No número 6 de novo se representa a tentação de desesperança do agonizante, oprimido pelo peso dos seus pecados. Explica o Bispo de Cabo Verde: como as pedras que os judeus tomaram nas mãos para apedrejarem Cristo «figuravam os nossos pecados», o diabo, trocista, «nas pedras daquele monte vos estará mostrando não só a multidão mas também a gra-

⁴⁷ Cap. VII, p. 47.

⁴⁸ «Ó se todos os Pays e Mays aprenderão de Sara o cuydado de que seus filhos não tivessem mãs companhias, nem ainda por brinco, por quanto não só não aprenderião tantas deshonestidades de obras e palavras torpes, mas nem ladroices, pragas, juramentos e mais vícios que com ellas aprendem, principalmente sendo os outros filhos de bayxa geração, como era Ismael, por filho de numa escrava, e como nestas Ilhas quasi todos são criados com semelhantes companhias, talvez que por isso sayão muitos tão mal criados» — Cap. Vil, p. 54.

⁴⁹ Cf. SANCHES, Ribeiro — *Cartas sobre a educação da mocidade* (Paris, 1760), ed. revista e prefaciada por Maximiano Lemos, Coimbra, 1922, pp. 90 e 191.

⁵⁰ Cap. VII, p. 56.

vidade de vossas culpas»⁵¹. O varatojano, que tanto insistiu na necessidade de o pecador não ir protelando para os últimos momentos da vida a conversão, mesmo nessas arriscadas circunstâncias, não deixa de sublinhar, naturalmente, a imensa riqueza das misericórdias de Deus, evocando o Monte Olivete e aquele outro monte «que está no cume de todos os montes», Maria Santíssima, «Mãe de misericórdia»⁵². Trata-se, no entanto, de um transe muito difícil, que o fiel pode evitar, «trocando o então futuro [da sua conversão] para agora», até porque, para nos perder, — adverte o missionário —, o espírito maligno costuma utilizar uma «destreza» comparável a um efeito óptico: «para olharmos para a misericórdia de Deus em vida e morte, no ta mostra por hum óculo de ver ao longe; em vida às direytas, para a vermos grande, e na morte às avessas para a vermos pequena»⁵³.

Sinal da importância atribuída pelo missionário à circulação de impressões de carácter ascético e devocional, é curioso verificar que, entre as faltas cometidas, as omissões e os «meios» malbaratados em vida pelo moribundo, não ficam esquecidos, mestres, autores e «inumeráveis obras» que o visavam chamar à razão; entre estas últimas nomeiam-se expressamente: «para te despertar, adormecido nos vícios, hum *Despertador Christiano*, para a tua cegueira e frialdade hum *Luz e calor*, para te dar conhecimento do que padecem as almas no outro mundo huns *Gritos dos condenados*, e finalmente, para saberes o que esperavas em esperar para agora, guardando para a ultima doença o teu arrependimento, hum *Espelho de dezengano para pecadores confiados*»⁵⁴.

Sob o número 7 figura-se uma tentação em tudo oposta à anterior, mas não menos perigosa: a tentação da soberba e da vanglória, própria daqueles que, mesmo à hora da morte se comprazem na presunção dos seus méritos junto de Deus. Ao descrevê-la o autor adverte:

Meu caríssimo irmão, se assim vos virdes tentado, não vos enganeis nem com a fermosura do Anjo, que ai fim, no seu rabo, que significa também o cabo e fim da tentação, vos ha de dar a conhecer que he diabo

⁵¹ Cap. VIII, p. 37.

⁵² Cap. VIII, p. 69.

⁵³ Cap. VIII, p. 72.

⁵⁴ Cap. VIII, p. 59. Tratava-se, respectivamente, de: *Despertador Christiano*, de D. José de Barzia y Zambrano? (Cádiz, 1697, e outras edições); *Luz e calor*, do Padre Manuel Bernardes, (Lisboa, Miguel Deslandes, 1696); *Grilos do Inferno para despertar ao mundo*, do Doutor Joseph Boneta, trad. por António de Faria Barreiros (Lx.^a Oriental, Of. Filipe de Sousa Villela, 1721); este *Espelho*, do Bispo de Cabo Verde, fora, como se disse, editado pela primeira vez em Lisboa, 1735 (cf. nota 5).

que, assim como o Escorpião tem a cara ou o focinho alegre e o veneno na cauda, como dizem os Naturaes, assim também este escorpião infernal se vos mostra alegre na cara mas em sua cauda se vos dá a conhecer o seu fim. (...) Nem vos enganeis com as flores, antes em o demónio vos mostrar as taes virtudes e boas obras na figura de flores vos dá motivo para vos abaterdes e humilhardes, assim por serem flores, devendo ser frutos, que só frutos e não flores dão a conhecer a cada hum ou quem he cada hum⁵⁵.

Santa Teresa de Jesus, S. João da Cruz «e os mais Mysticos, fundados além das experiências em S. Paulo (Ep. 2 ad Cor. cap. 2)» são invocados nesta advertência contra o perigo de transfiguração do demónio em «Anjo de luz». Surpreendente o relevo de um excuro aqui consagrado aos «enganos» místicos? O esclarecimento concreto dos caminhos mística, prefere o bispo deixá-los para os mestres desta teologia, já que, — enfatiza humildemente —, «não he bem que se meta a falar nella quem nem o seu b-á-bá sabe»⁵⁶. A esta luz, ganha pleno sentido a sua referência expressa nesta obra à *Luz e calor* do Padre Manuel Bernardes (Lx.^a 1696), tratado de defesa e clarificação ortodoxa da vida mística face aos perigos coevos do quietismo. Numeroso conjunto de penitenciados pelo Santo Officio nos finais do século XVII e nas duas primeiras décadas do século XVIII tornavam a ocasião azada para que o missionário varatojano se referisse a frequentes ilusões, embustes e contrafacções da santidade. Nesse mesmo ano de 1720 em que ele fora escolhido para Bispo de Cabo Verde, tinham recebido em Lisboa sentença de dez anos de degredo nas Ilhas de S. Tomé e do Príncipe duas beatas terceiras, do bispado de Viseu, por se fingirem santas «com muitas visões, revelações, favores extraordinários de Deos e por Molinismo», e um meio cónego da Sé de Viseu, fora degredado por dez anos para o Brasil «por praticar e defender os mesmos erros de Molinos» e «aprovar a falsa virtude e dar credito à fingida santidade» destas e doutras pessoas, também penitenciadas por idênticos delitos⁵⁷.

Naturalmente, da própria lógica e objectivos pretendidos com o *Espelho*, resultou a necessidade de facultar aos leitores uma breve *instrucção* para «incitar» e «facilitar» a oração mental, e um outro «tratadinho» com «instrucções para os simplices sacerdotes», sempre na contingência de serem chamados a assistir aos moribundos, mas que, «por falta de livros.

⁵⁵ Cap. IX, p. 93.

⁵⁶ Cap. IX, pp. 92-93.

⁵⁷ *Lista [impressa] das pessoas que sahiram... no Auto publico da Fé que se celebrou na Igreja do Convento de S. Domingos desta Cidade de Lisboa Occidental em Domingo 16 de Junho de 1720.*

ou pela omissão de os ler, ou pelo temor da confusão das matérias» ignoravam «ainda as cousas mais precisas» em tais circunstâncias⁵⁸. O mesmo sentido prático e o mesmo zelo pastoral de missionário o levou, como se disse, a na segunda parte da obra propor aos párocos do seu bispado, cujas ilhas ele via inundadas em ignorância e relaxação de costumes, um conjunto de quarenta *práticas* — «breves, claras, efficazes e poucas» — sobre os principais pontos da doutrina católica, para que esse «pão já partido» se repartisse e lesse todos os Domingos e dias santos em que não houvesse sermão⁵⁹.

A questão não vem aqui ao caso, mas, necessariamente, interrogamo-nos: até que ponto teria sido eficaz o esforço pastoral deste missionário nas ilhas de Cabo Verde, para mais tendo-se delas ausentado desde 1732? Até que ponto o voluntarismo zeloso, reformador — e também puritano — deste varatojano lograria alterar o ritmo e a "natureza das coisas" pecaminosas que foi encontrar nas ilhas? Provavelmente bastante pouco, embora o autor não deva ser visto como um impulso isolado. Além disso, os seus esquemas missionários têm um significado manifestamente nacional e não apenas enquadrável no contexto cabo-verdiano. O que se percebe facilmente é que os *Brados do Pastor* são, ao contrário do que o seu autor diz, obra de quem sabe muito mais do que o bê-á-bá da teologia mística e obra de um orador sacro talentoso. De resto, no seu esquematismo prático, a obra é doutrinariamente exigente, como seria de esperar de alguém com espírito *jacobeu*⁶⁰. Deve observar-se que na preparação para o passamento não se quer apenas infundir medo; o choque é, ao fim e ao cabo, algo apenas instrumental. Por isso escrevia D. Frei José de Santa Maria de Jesus que aquilo em que os sacerdotes deviam ter mais cuidado era em dispor os enfermos para terem «dor de contrição», a qual «não consiste em palavras, senão em

⁵⁸ Cf. *Appendix segundo*, p. 125.

⁵⁹ Práticas doutrinaes, Aos Reverendos Párocos desta nossa Dieceze [p. 150]. O autor confessa-nos que antes de as dar à estampa já mandara distribuir essas práticas no seu bispado em manuscrito, forma todavia «mais perigosa e menos authorisada» [p. 148].

⁶⁰ Além do referido (cf. nota 8), julgamos patentear-se esse espírito nas suas simpatias agredistas (a discutida *Mystica ciudad de Dios*, 3 vols., Madrid, 1670, foi também estampada em Lisboa, em 1684, nos prelos de Miguel Manescal), e particularmente no articulado da sua *Devoção de Nossa Senhora* (cf. *Brados...*, ed. cit., pp. 137-140), da qual extractamos a seguinte *Oração à May de Deos*: «Mystica Cidade de Deos, cujo grande e alto muro ampara e defende a todos os que buscão esta Soberana Cidade de refugio; em cujos doze Janitores se symbolizão os doze Anjos, especialmente deputados para vos servirem de sollicitadores do remédio dos homens: peço-vos por tudo o que se comprehende em os quinze mysterios do vosso Santíssimo Rosário, que ordeneis a estes Soberanos Espíritos me despertem do sono das culpas e do letargo da tibieza em que vivo, para que continuamente suba pela Escada Mystica de Jacob da vossa devoção fervorosa, e por ella alcance a vida eterna. Amen»

ter huma verdadeira dor de ter offendido a Deos por ser infinitamente bom e digno de ser amado sobre todas as cousas»; para esse efeito far-se-ia o moribundo ponderar no muito que Deus lhe queria, pois «podendo-o ter já sepultado nos infernos» o continuava a sofrer e a esperar, dando-lhe «aquella hora para nella se poder salvar e ir gozar da Bemaventurança eterna»⁶¹.

⁶¹ *Appendix segundo*, pp. 127-128.

Neste espelho em que estais vendo
 Retrata-se a melhor morte;
 Venderai qual he a sorte,
 Dea que assim estaõ murrando.
 Secundo São horronda,
 Quando o Diabo agora
 Vos tenta, vence, e devora,
 Que fora mais violento,
 Achando vos sem alento
 Em tão apertada hora?

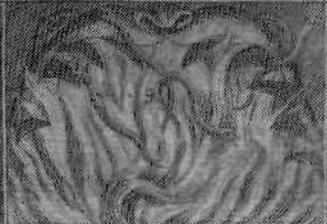
É SPELHO

em que cada hum se dexe
 ver e considerar.

Quem com os olhos curar
 Entomado Pergador,
 Achava o grão primor
 Comique o portonde arguir.
 Se pois intenta fugir
 De perigos, que em o escuro
 Destas sombras lhe figurar
 Deve gramatico a gente
 Por preterito o presente,
 E ja em presente o futuro



Quem roube-se quanto horrenda
 He a morte que apetece;
 Nunca guardara para este
 Franee, da vida a emenda.



Quando o Diabo esta vendo,
 Que o tempo vai acabando;
 Todo o furor empenhando,
 Quanto pode esta fazendo.